

Os filisteus do Século XXI

José Eli da Veiga¹

Ao reassumir sua cadeira no Senado, Marina Silva definiu seu relacionamento com os diferentes segmentos sociais na defesa dos temas de interesse do país como uma espécie de "aeróbica do bem" em favor de "uma nova visão civilizatória". Algo que toca o âmago da própria existência desta revista.

O que poderia ser essa “nova visão civilizatória”? A resposta depende do que se entenda por civilização, termo que pode ter sentidos até antagônicos. Faça o leitor a experiência de consultar a Wikipédia. Verá que surge como principal referência o livro “Choque de Civilizações” do cientista político Samuel P. Huntington, além de dois parágrafos genéricos e uma longa lista de civilizações antigas, lendárias e fictícias. Se procurar nesse livro o significado da palavra civilização, verá que foi adotada uma concepção estática, inteiramente oposta à idéia de processo civilizatório, conforme sua raiz iluminista. Ora, nas Luzes o termo civilização acabou vencendo seus concorrentes justamente por exprimir dinâmica e movimento na direção absoluta e unitária de uma civilização humana capaz de superar todos os obscurantismos pelo triunfo da razão, mesmo que aos poucos, e com muitas idas e vindas.

¹ **JOSÉ ELI DA VEIGA**, professor titular do departamento de economia da FEA-USP e pesquisador associado do “Capability & Sustainability Centre” da Universidade de Cambridge, com apoio da Fapesp. Página web: www.zeeli.pro.br

O problema é que se seguiram terríveis abusos de tão bela visão, seja imediatamente após, com o imperialismo napoleônico, ou depois, com inúmeras formas de colonialismo, etnocentrismo e nacionalismo. Pior: o termo permanece bem conveniente aos que só enxergam nas nações indígenas obstáculos ao seu próprio desenvolvimento ou progresso.

Talvez bastem estas lembranças para que se perceba o quanto as palavras ganham sentidos diferentes conforme os momentos, as circunstâncias e as conjunturas. Daí a necessidade de se refletir sobre qual deles estaria embutido na “nova visão civilizatória” evocada por Marina Silva.

Tudo indica que existe hoje uma forte propensão em se resgatar o sentido original, iluminista, devido à crescente consciência da necessidade de se pensar no futuro da espécie humana como um todo, e não apenas no de cada sociedade ou grupo social em particular. Levar a sério o que diz o IPCC sobre o aquecimento global, ou simplesmente tentar entender o que poderia realmente ser um “desenvolvimento sustentável”, são dois imperativos categóricos a um olhar cosmopolita sobre a história universal. E também exigem que seja seriamente reconsiderada a maneira de se avaliar os avanços civilizatórios.

Por exemplo, tomar a simples expansão do PIB (Produto Interno Bruto) como principal indicador de bom desempenho econômico equivale a acreditar piamente que a sociedade melhora porque seu consumo aumenta. No entanto, o que deveria realmente interessar seria a capacidade de obter maior bem-estar com menor consumo. Além disso, mesmo quando vier a ser medido de

outra forma, o desempenho econômico não deixará de ser apenas um meio para se conseguir progresso social, que é o que realmente conta. E se esse progresso já exige que se produza de outra maneira, não demorará muito para que também exija que se produza menos.

Ou seja, apesar de seus vinte anos, o ideal de um desenvolvimento sustentável continua a conviver com maneiras de se avaliar as sociedades que foram adotadas no contexto das reconstruções econômicas do pós-guerra, quando só podiam ser onipotentes os objetivos de se produzir mais e se consumir mais. Critérios que já não correspondem à realidade das sociedades que progrediram, mesmo que essa ainda não seja a realidade da maior parte delas. E estas não poderão simplesmente imitar as primeiras, que ignoraram - e por isso causaram - o aquecimento global.

Não há dúvida, portanto, que um dos melhores exemplos de “choque de civilizações” é a contradição objetiva que opõe no Congresso os ruralistas aos ambientalistas. Não no sentido estático, preferido por Huntington, de choque entre ocidentais e muçulmanos. Mas no sentido dinâmico, original, de embate entre certos interesses de grupos sociais específicos (e nem sempre legítimos) contra a ambição de que a humanidade não acelere ainda mais a sua própria extinção.

Uma luta que opõe, portanto, duas visões de mundo. De um lado, a velha, que pode ter sido inevitável até meados do século passado, mas que se tornou inteiramente mesquinha e obscurantista. De outro, uma nova, que está engatinhando na busca de uma ética que possa corresponder ao conhecimento científico contemporâneo, única maneira de fazer com que as luzes triunfem

sobre a escuridão. E é nesta que devem estar os setores modernos do agronegócio, em vez de servirem de massa de manobra aos atuais filisteus.

Infelizmente, ainda é freqüente que o atrito entre ruralistas e ambientalistas seja visto como conflito entre dois meros grupos de interesse. É porque ainda não está claro, nem sequer para os melhores comunicadores, que os mais fortes se servem das trevas para conservar e expandir lucros patrimoniais, enquanto os mais fracos tentam abrir caminho para “uma nova visão civilizatória”. Daí porque é preciso dar toda a força a Marina Silva para que ela enfrente os ruralistas e seus aliados como um Davi diante de um Golias.